

Hospital de Taguatinga pede por socorro

Fotos: Francisco Stuckert

ROVÊNIA AMORIM

Quem procura atendimento no pronto-socorro do Hospital Regional de Taguatinga passa por maus momentos. Pacientes enfrentam filas que lotam o setor de emergência e chegam a ficar cinco horas à espera de atendimento médico. O sufoco atinge também a equipe médica que não tem pessoal, material de primeiros socorros e leitos suficientes para atender à demanda que desde a semana passada aumentou em 40%. O acréscimo do número de pessoas atendidas ocorre desde o dia 17 deste mês quando começou a reforma no pronto-socorro do Hospital Regional de Ceilândia, hoje operando com apenas 30% da sua capacidade.

Ontem, até as 10h45, 344 pessoas tinham recebido atendimento de emergência no HRT. “Na segunda-feira, o registro foi de 1.750 pacientes”, disse Edson Vieira, da seção de controle do pronto-socorro. A média diária do hospital supera as mil pessoas. “Hoje (ontem) até que está tranquilo. Ontem (segunda-feira), eu trouxe uma pessoa para ser atendida por volta de 1h00 e ela só foi atendida às 18h00 da tarde”, contou a recepcionista Marina Cavalcanti.

As três horas de espera no corredor do HRT não desanimaram a servente Gildete Pereira da Silva, de 30 anos. Avó de Rayane, de 5 meses, ela se queixava do hospital. “Não vou desistir porque ela precisa, mas acho este um dos piores hospitais”. Gildete disse que só não foi até o Plano Piloto porque estava sem dinheiro. “O Hospital de Base é melhor, mas o ônibus para cá é mais barato”, afirmou a moradora de Samambaia.

A atendente de lanchonete, Cleide Sirqueira, também aguardava na fila, junto a dois filhos, de 4 e 2 anos, com febre. “Estou



Dona Gildete Pereira foi uma das pacientes que demorou para ser atendida ontem no pronto-socorro do Hospital de Taguatinga

aqui desde as 9h30 e vou esperar até as 14h00”, contou. Ela disse também que geralmente evita hospitais e postos de saúde por causa da quantidade de pessoas. “Sempre que adoecem eu cuido deles em casa, mas, desta vez, estão há três dias com febre e não melhoram”.

Se do lado de fora, nos corredores do HRT, a situação é caótica, o setor de emergência do hospital também não é diferente. Todos os leitos estão ocupados e para não deixar sem atendimento o excedente, foram colocadas macas entre as camas e mais berços para a pediatria. Mesmo depois de serem atendidos, o drama dos pacientes não diminui. Muitos sofrem com a demora da remoção para as enfermarias e interrupção do tratamento por falta de vagas.

Jaime Olegário dos Santos, 55 anos, internado desde o dia 6 de abril, espera vaga na cirurgia para operar um pé. “Estou doido para ir embora, mas fazer o quê?”, disse ele. “Às vezes, a gente chama um médico e não tem nenhum”, reclamou Elisabete Lúcia, 20 anos, que está com o filho de dois meses internado na pediatria do pronto-socorro com bronquite e pneumonia.

O médico clínico geral, José Edson Pelicano, disse que a superlotação agrava o problema, já deficitário, de escala de plantão médico. “Precisaríamos de 30 clínicos e somos apenas 15. Tenho colegas que fazem até 100 horas extras por mês. Mesmo cansados, não temos como negar socorro para essas pessoas. Não há como mandá-las embora”.